

Sexualidade humana: causas sócio-culturais das disfunções sexuais 3

Tereza Cristina P. Carvalho Fagundes*

As disfunções sexuais configuram-se como situações em que os componentes da resposta sexual humana – desejo, excitação e orgasmo apresentam alguma alteração. Especialistas nesse campo asseguram que, em geral, a causalidade das disfunções sexuais é mista: bio-psicológica, bio-social, psico-social ou ainda, bio-psyco-social. Por outro lado algumas vezes as disfunções sexuais podem ter causas inicialmente identificadas como orgânicas ou psicológicas e que no curso do seu desenvolvimento se lhes acrescentam fatores sociais ou vice-versa.

Por uma lógica didática, neste artigo, procuramos dissociar as causas sócio-culturais das biológicas e psicológicas, relacionando-as às fases da resposta sexual humana. (Quadro 1)

Considerando as disfunções sexuais masculinas e femininas que acontecem na fase do desejo – inapetência sexual (diminuição ou ausência) e eratomania (satirismo e ninfomania) acreditamos que na educação sexual inadequada residam as maiores causas de natureza sócio-cultural.

* Doutora em Educação. Professor adjunto IV. Coordenadora do programa de Educação Sexual – Departamento I – Instituto de Biologia – Universidade Federal da Bahia. Membro do Conselho Científico da SBRASH.
e-mail: terispf@ufba.br
Recebido em 05.03.02

Desde os primórdios da nossa cultura, a menina aprende, na família, que ser mulher é saber cuidar de crianças, cozinhar, lavar, passar, cuidar da casa e do marido; ser mulher é adotar a postura do servir, do submeter-se, do obedecer ao pai, irmão, marido, etc.; é ser dependente, passiva, dócil, carinhosa, gentil, paciente, emotiva; é ser aquela que sabe agradar, e mais uma série interminável de 'atributos' tidos como femininos. O menino, por outro lado, aprende que ser homem é ter sob seu comando as experiências dos outros, especialmente das mulheres, é poder tomar decisões por todo um grupo-momento social como a família, é ser ativo, viril, corajoso, intransigente, etc.

Na escola, as primeiras concepções acerca do papel da mulher apreendidas no âmbito familiar, são freqüentemente reforçadas enquanto se processa a aquisição de outros comportamentos e atitudes, resultando na incorporação, pela menina, da concepção do ser mulher, traduzida como ser boa aluna, educada, obediente, sentimental, frágil, aplicada e menos pragmática, facilmente conduzida por regras e normas, por isso, mais afeita às ciências humanas, às letras e às artes. Nos meninos são encorajadas a liderança, a criatividade, a praticidade e a ousadia, qualidades, dentre outras, requeridas para profissões 'ditas' masculinas como dirigente de empresas, construtores, pesquisadores, etc.

Essa educação sexual que repousa num passado eminentemente patriarcal resulta em concepção do ser homem e do ser mulher, da masculinidade e da feminilidade definidas em oposição fundamental, uma espécie de tese e antítese. O ser homem implica em ter como características: superioridade, poder, força, virilidade, atividade, potencial para violência, uso legítimo da força e desempenho de atividades dirigidas para o mundo social – política, economia, negócios. Ser mulher é ter associada as condições de inferioridade e submissão em relação ao homem, de fraqueza, passividade, beleza, docilidade, aprendizagem de barganhar e desempenho de atividades restritas ao mundo privado – família, escola, serviços.

A construção social da condição masculina e da condição feminina também é efeito da dominação simbólica, não expressa na lógica consciente, mas de modo subjacente, nas práticas e categorias dicotômicas para homens e mulheres: seco-úmido, duro-macio, claro-escuro, aparente-recôndito, alto-baixo, acima-abaixo são categorias de linguagem aplicadas aos gêneros que se sustentam mutuamente e, embora corcordanças, são suficientemente divergentes para conferir valores a cada uma delas.

"Cada vez que um dominado emprega para se julgar uma das categorias constitutivas da taxonomia dominante (por exemplo: brilhante / esforçado, distinto / vulgar, único / comum, etc.,) ele aplica a si mesmo, sem o saber, o ponto de vista dominante, adotando, de algum modo, para se avaliar, a lógica do preconceito desfavorável". (Bourdieu, 1995, p. 142-143).

Nessa ótica, a mulher introjeta a condição feminina impregnada de sentidos de oposição na inferioridade e que envolvem a negação do masculino

como sendo feminino, enquanto que o homem introjeta o masculino como sinônimo de superioridade e poder.

"A rígida separação de gêneros representa uma ofuscação ideológica daquilo que partilhamos. Dividir-nos contra é limitar potenciais da expressão humana". (Cornell e Thurschwell, 1990, p. 171).

Assim, construindo a diferença entre homens e mulheres e entre o feminino e o masculino, a história de meninos e meninas segue caminhos diferentes que se cruzam, determinados pelo meio e pela cultura, que apresenta peculiaridades que variam no tempo e no espaço.

Numa perspectiva culturalista é possível vislumbrar que os constructos relacionados ao ser mulher surgem em oposição ao significado do ser homem, numa sociedade com esquemas de relacionamentos sociais bem definidos; são introjetadas nas meninas e nos meninos, desde muito cedo, em diversos âmbitos de suas personalidades e do seu ser social, as dicotomias associadas à divisão homem-mulher, tais como: caça-coleta, dominação-submissão, luz-sombra, ciência-magia, razão-intuição, cultura-natureza, força-fragilidade, para-fora-para-dentro, superioridade-inferioridade, produção-reprodução, mundo público-mundo privado, de forma a tornar aparentemente natural, a identidade que, às mulheres e aos homens foi socialmente imposta.

E essas construções sobre o ser homem e o ser mulher interferem diretamente em suas vivências sexuais. A mulher pode inibir o seu desejo em consequência de ter aprendido a ser passiva, paciente, obediente, não ousada. Pode, por outro lado, exacerbá-lo como uma forma de quebrar drasticamente os padrões que lhe foram impostos. O homem que aprendeu a ter o poder sobre a mulher, a mostrar-se viril, forte e sempre ativo pode desenvolver erotomania ou, em menor escala, diante de pressões sociais maiores que lhe façam sentir-se pequeno, fraco, sem poder, manifestar inapetência sexual.

Quando punitiva e castradora, a educação sexual configura-se também como inadequada, fazendo com que a pessoa desenvolva uma imagem errônea frente à sexualidade. Se isto acontece, e acontece mais frequentemente com a mulher, vergonha, culpa e pecado crescem em paralelo ao desenvolvimento da sua sexualidade, impedindo-a de apresentar responsividade aos estímulos eróticos, desencadeando uma negação do desejo quando ele, de fato, existe e uma disfunção de excitabilidade configurada como insuficiência ou ausência de lubrificação vaginal. Marca, também, profundamente a mulher, o condicionamento social que lhe impede de ser totalmente livre em seu desempenho sexual; ela pode apreender que o ser penetrada representa a evidência de sua capacitação física especialmente numa cultura onde o sexo tradicionalmente legítimo é o sexo reprodutivo. Neste sentido, a inadequação da educação sexual feminina traduz-se pela aprendizagem da mulher em ter que cumprir o seu dever de servir ao companheiro; o dever sem prazer então acontece, passa de geração em geração e a mulher se comporta à semelhança de sua mãe, sua avó, etc.

São, também, condições sócio-culturais que podem se constituir em causalidade de disfunções sexuais a desinformação sobre sexualidade, o aprendizado insuficiente e distorcido sobre o próprio corpo bem como o desconhecimento da fisiologia da resposta sexual humana. Em algumas culturas a ausência do orgasmo na mulher configura-se em padrão desejável, um valor a ser mantido; nelas, é óbvio, que é "natural" e freqüente a ocorrência de disfunções orgásmicas. Com a liberação sexual dos últimos tempos, entretanto, o "direito ao orgasmo" tornou-se uma questão de sobrevivência e até uma questão política para as mulheres. Neste sentido, não resta a menor dúvida, que o conhecimento preciso da anatomia e fisiologia do corpo da mulher e do homem são indispensáveis ao processo de união sexual e realização a dois. No caso do homem, não parece ser tão acentuada a desinformação como causalidade de disfunções orgásmicas.

Voltando a questão da influência da sociedade na vida do indivíduo ressaltamos que a mesma tem uma capacidade imensa de modificar, reestruturar e redirecionar fenômenos biológicos, alterando, dessa forma o seu curso natural e espontâneo. O acentuado peso conferido pela sociedade (eminentemente machista) ao desempenho sexual do homem pode fazer com que ele apresente ausência de desejo, de excitação e de orgasmo, por um lado, ou por outro, uma ânsia em resolver logo o propósito da relação sexual, resultando em disfunções eréteis, ejaculação precoce ou retardada. Sendo a ereção e a penetração os grandes símbolos do exercício sexual masculino, ter o pênis grande (por definição cultural) é super importante para que o homem se realize sexualmente.

Tanto para o homem como para a mulher há uma série de crenças que, com maior ou menor força, dependendo do grupo sócio-cultural no qual se desenvolvem, são fatores que intervêm no desempenho sexual de homens e de mulheres causando-lhes disfunções sexuais. Por exemplo:

- *Quanto maior o pênis, maior a capacidade sexual.*
- *O supermacho deve ter mais de uma relação por encontro.*
- *Mulher tem menos apetite sexual do que homem.*
- *Mulher só se excita na fase reprodutiva.*
- *A mulher deve estar sempre pronta para satisfazer o homem, mas a mulher decente deve disfarçar sua excitação.*
- *O orgasmo simultâneo indica um relacionamento harmônico e perfeito.*
- *O homem tem o dever de dar o orgasmo à mulher.*
- *A mulher só desenvolve a sua capacidade de sentir prazer depois de ser mãe.*
- *Mulheres virgens não tem a mesma necessidade sexual das outras mulheres.*
- *Só a mulher que tem orgasmo vaginal é madura; é imatura ou infantil a que tem orgasmo clitoridiano.*
- *Quanto mais orgasmos possa ter, tanto mais mulher.*
- *Se a mulher for lenta para atingir o orgasmo deve fingir que conseguiu para agradar ou prender seu parceiro.*

- *Fantasia sexual não são permitidas à mulher decente.*
- *Masturbação não é coisa para mulher.*
- *A masturbação em excesso, no homem, o conduz à fraqueza, à insegurança e até à loucura.*
- *A menopausa, a laqueadura tubária e a histerectomia fazem extinguir a sexualidade feminina.*
- *A vasectomia e a remoção da próstata assinalam o fim da vida sexual no homem.*

Acrescenta-se a elas o poder da mídia, agente formador de opinião, cada vez mais importante na atualidade, que contribui de modo significativo para a criação e/ou manutenção de estereótipos sexuais. A valorização social reificada pelos meios de comunicação pode ser causa desencadeante, por exemplo, da ejaculação precoce no homem. Mas como a ótica machista da busca do prazer pelo prazer é muito forte, alguns homens nem se consideram disfuncionais por esse aspecto; sentem-se satisfeitos com o seu desempenho e delegam à mulher o problema dela em não ter orgasmo. Programas e seriados de TV, comerciais veiculados por revistas, jornais, rádio e televisão, além de filmes, estabelecem modelos de homem e de mulher a serem internalizados e seguidos e reafirmam, intencional e subliminarmente, a dicotomia dos papéis de gênero, reservando a homens e mulheres imagens tradicionalmente construídas: sexo forte / sexo frágil.

Nos últimos anos há inserções diferenciadas em algumas culturas. Em nossa sociedade, há quem considere que o homem, no momento atual é o sexo frágil – assustado, obcecado pela realização profissional e pela obrigação de garantir o prazer feminino. Também a insegurança financeira está afetando diretamente a sua condição de macho; tanto profissional quanto afetivamente ele não consegue realizar-se e muito menos dedicar-se, como gostaria, à mulher e a vida familiar. Numa outra direção, o homem desde o final do século passado, realizado profissionalmente, vem tendo relacionamentos insatisfatórios com as mulheres por considerar que elas o escolhem por causa de sua posição profissional.

Mas a nossa experiência como educadora revela que, em maior escala, ainda é a mulher quem menos se realiza do ponto de vista sexual, embora também acreditemos que o casal resulte da “união de duas pessoas, de duas realidades bio-psico-sociais distintas, que devem se encontrar num objetivo comum e em atividades complementares para que o momento sexual exista” (Silva, 1989, p. 39). Qualquer alteração num desses planos: orgânico, psicológico e sócio-cultural, de qualquer um dos dois envolvidos na relação, pode inviabilizar uma resposta sexual plena e satisfatória.

BIBLIOGRAFIA

- BADINTER, E. *Um é o outro. Relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- BOURDIEU, P. *A dominação masculina. Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRS, 20(2): 133-184, jul./dez. 1995.
- CORNELL, D. e THURSCHELL, A. *Feminismo, negatividade, intersubjetividade*. p. 155-174. In: BENHABIB, S. e CORNELL, D. (Orgs.) *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- FAGUNDES, T. C. P. C. *Identidade e relações do gênero*. Cadernos de Pesquisa NUFHE 3, Salvador: PPGE/UFBA, 1999. p. 169-186.
- MASTERS, W. H. e JOHNSON, V. *O relacionamento amoroso; segredos do amor e da intimidade sexual*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- PASSOS, E. S. *Palcos e Platéias – As representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Salvador: EDUFBA, 1999. Coleção Bahianas 4.
- SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1991.
- SILVA, A. C. *Terapia do Sexo e Dinâmica do Casal*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- VITIELLO, N. *Reprodução e Sexualidade – um manual para educadores*. São Paulo: CEICH, 1994.

QUADRO 1

Sexualidade Humana: causas sócio-culturais das disfunções sexuais

DISFUNÇÕES	NO HOMEM	NA MULHER	CAUSAS
Desejo	Inapetência sexual = diminuição = ausência Erotomania (satirismo)	Inapetência sexual = diminuição = ausência Erotomania (ninfomania)	Educação sexual inadequada Repressão sexual Mitos e crendices
Excitabilidade	Disfunções eréteis (impotência) = ausência = incompleta = curta duração	Disfunções de excitabilidade – lubrificação vaginal (frigidez) = ausência = insuficiência	Grande ênfase no desempenho sexual Educação sexual inadequada (vergonha, culpa, pecado)
Orgasmo	Orgasmo/ Ejaculação prematura Bloqueio ejaculatório = retardo = ausência	Disfunção orgásmica feminina	Hipervalorização social do orgasmo (meio/cultura, mídia) Desconhecimento do corpo e da fisiologia da resposta sexual humana

Artigo originado da apresentação da autora no Simpósio 23
do CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE REPRODUÇÃO HUMANA
Salvador-Bahia = 20 a 22 de abril de 2000.